

Territórios Sensíveis: a escrita do Gladiador do Pensamento Rocha Lima 1874-1878.

Mestranda ARIANE BASTOS GONÇALVES DE ARAUJO¹

[...] Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através de sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro. (PESAVENTO, 2007:14)

Somos sempre territórios. Construimos e vivemos em espaços que são materiais e simbólicos, atravessados por fronteiras invisíveis, umas tensas e conflituosas; outras fluidas e penetráveis. Essas fronteiras delimitam o que somos, ou como representamo-nos diante do Outro, também um território. Existências condicionadas às fronteiras, sem essas, seríamos uma única massa amorfa. Palavras como indivíduo, coletivo, memória, o eu, eles, dentre outras perderiam seus sentidos. Hoje, nesse exato momento, condicionamos a existência do indivíduo à existência do Outro, separados pela fronteira que diferencia, individualiza e ao mesmo tempo contemporiza-os.

Os territórios sensíveis são espaços materiais e simbólicos, visíveis e invisíveis, percebidos, criados, silenciados, vividos e desejados pelos indivíduos. São corpos e almas marcados pelas sensibilidades de uma época. Ora, o mundo se dá a ver e a sentir através de imagens captadas pelos sentidos que de modo individual e coletivo é reelaborado e transformado em experiências, conceitos e memórias; continuando com o pensamento de Pesavento, citamos:

Se os olhos veem coisas visíveis, do mundo dos sentidos, é a inteligência que produz conceitos, tornando o mundo sensível inteligível. Entretanto, lembrava Aristóteles, é pelo fato de sentir que a vida se distingue da ausência da vida [...] Toda sensação é capacidade de conhecer por meio do corpo. Graças a esta forma de conhecimento, a alma é capaz de conhecer (PESAVENTO, 2007:14).

A reflexão é múltipla, simultaneamente analisam-se as visões e sensações criadas pelo espaço citadino no indivíduo e deste nos grupos sociais e culturais que integra. Portanto, nossa análise propõe compreender a trajetória do leitor e escritor Rocha Lima mediado por imagens sensíveis da cidade de Fortaleza nas décadas de 60 e 70 do século XIX e pelos diálogos que travou com diversos autores em suas leituras e com seus companheiros de luta. Consideramos essencial analisar os círculos letrados formados e frequentados por Rocha Lima, refletindo sobre o momento histórico da cidade de Fortaleza na década de 1870,

¹Mestranda Ariane Bastos Gonçalves de Araujo, Mestrado Acadêmico de História e Culturas – MAHIS –UECE.

priorizando a análise das práticas e sensibilidades de Rocha Lima, e percepções do espaço geográfico com um espaço social-simbólico, ou seja, como um “espaço da experiência e um horizonte da expectativa” ou como coloca Marcelo Jasmim:

O tempo, aqui, não é tomado como algo natural e evidente, mas como construção cultural que, em cada época, determina um modo específico de relacionamento entre o já conhecido e experimentado como passado e as possibilidades que se lançam ao futuro como horizonte de expectativas. (KOSELLECK, 2006:9)

Cartografar, ler e compreender esses lugares possibilita-nos uma aproximação do ideal, das práticas, experiências e expectativas de Rocha Lima, assim como, uma revisão historiográfica sobre a sua atuação no cenário histórico de Fortaleza. Ressaltamos, que devido ao nosso intuito de comunicar um recorte de nossa pesquisa dissertativa “O Gladiador do Pensamento e a Palavra-ação: a Acrópole Ideal nos escritos de Raimundo Antonio da Rocha Lima 1874-1878”, tomaremos apenas neste momento o depoimento de Capistrano de Abreu como uma possível chave de acesso ao mundo material e interior de Rocha Lima, além de algumas passagens dos escritos dele indicadores de sua trajetória de leitura e escrita.

Rocha Lima encarnado e narrado

“Dorme e para sempre, Grande batalhador! Fica à posteridade tua memória e coroa dos louros que colheste. Sua morte veio quebrar o laço talvez mais robusto que prendia a mocidade cearense ao movimento que agita o mundo civilizado”². “No dia 28, à 1 hora da madrugada, faleceu em Maranguape, vítima de terrível beribéri, o jovem literato Raimundo Antonio da Rocha Lima, cuja perda é uma calamidade para as letras pátrias”³. “Por ocasião deste acontecimento, que cobre de luto uma província que parecia à prova do sofrimento, pois que nem um mais lhe restava experimentar, será talvez permitido a quem do finado guarda uma saudade infinda, um ensinamento profundo, um incitamento salutar, dizer algumas palavras sobre o modo por que constituiu-se individualidade que animava argila, hoje deposta no cemitério”.(ABREU:1968).

Rocha Lima existiu. Cearense, nasceu em Fortaleza, 1855, filho póstumo de Raimundo Antonio da Rocha Lima e de Maria Amália da Rocha Lima. Cresceu entre três senhoras viúvas e duas primas: D. Antônia Felismina, a avó; D. Maria Amália, a mãe; e D. Francisca Xavier de Albuquerque, a tia e preceptora (NOBRE: 1965: 11-17), professora e dona

²Jornal *Cearense*, nº66, 1 de agosto de 1878.

³Jornal *Pedro II*, nº54, 2 de agosto de 1878.

da casa na Rua da Misericórdia defronte ao Passeio Público onde todos moravam e funcionava uma escola para meninas, na qual Rocha Lima iniciou seus estudos. (ABREU, 1968)

Os estudos secundários foram feitos no Atheneu e no Liceu, respectivamente, em 1865 e 1867. Em 1870 funda com João Lopes Ferreira Filho, Fausto Domingos da Silva e Manoel do Nascimento Castro e Silva a associação Fênix Estudantal sob o patrocínio de Luís de Gonzaga, e "em 1871 à custa de muitos esforços e auxiliada pela província, sua mãe pôde mandá-lo para Pernambuco". Separado dos seus, Rocha Lima continuou ali o mesmo sistema de vida de dedicar todo o seu tempo livre para leituras na biblioteca do Convento do Carmo, onde foi morar.

Retornando à Fortaleza no mesmo ano, devido sua condição de saúde. Em 1872 inicia reuniões para leitura e debate de ideias e autores ora em sua casa, ora na de Thomaz Pompeu Filho, denominadas de Academia Francesa passando à historiografia como um movimento lítero-filosófico ocorrido na cidade de Fortaleza entre os anos de 1873 e 1875, tendo como membros Raimundo Antônio da Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Thomaz Pompeu Filho, João Lopes Ferreira Filho, Dr. Melo, Xilderico de Farias, Araripe Júnior, Varela, Felino Barroso e França Leite.

Inicia sua participação no editorial do jornal *Fraternidade*⁴ em 1873 e em 31 de maio de 1874 funda, juntamente com João Lopes Ferreira Filho, Joaquim Hermano de Castro e Silva e Joaquim Lino de Oliveira, a Escola Popular direcionada ao ensino gratuito de operários e desvalidos⁵. Em janeiro de 1877 viaja para o Rio de Janeiro, a intenção é de se estabelecer como professor de português, realizar estudos sobre a vida de Jesus e sobre a Revolução Francesa, suas duas grandes paixões.

Capistrano de Abreu afirma que Rocha Lima desejou formar um partido de patrícios. Porém, após dois meses retorna à Fortaleza devido à péssima condição de saúde de sua tia e

⁴O jornal maçom *FRATERNIDADE* circulava as terças feiras na cidade de Fortaleza. O primeiro exemplar circulou em 04 de novembro de 1873 e o último em 27 de abril de 1875. Os exemplares microfilmados da Biblioteca Pública Menezes Pimentel informa serem seus redatores: Thomas Pompeu Filho, Araripe Júnior, João Lopes Ferreira Filho, Xilderico de Farias e João Brígido dos Santos; e colaboradores: Rocha Lima, Dr. Basson e o Pe. Senador Thomas Pompeu.

⁵Fundada por Raimundo Antônio da Rocha Lima, Cf. CÂMARA, J. A. Saraiva. **Capistrano de Abreu**: uma tentativa biobibliográfica. 2ª ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1999.

preceptora Francisca Xavier de Albuquerque, encontrando-a já sepultada. Até sua morte em 1878, Rocha Lima trabalhou como amanuense e publicou vários artigos em jornais.

Círculos Letrados de Rocha Lima

Consideramos que a Fênix Estudantal, a Academia Francesa, o Editorial do jornal *Fraternidade*, a Escola Popular e o Gabinete Cearense de Leitura funcionaram como espaços de formação e luta. Mais que configurar lugares de uma cultura letrada, traçamos o itinerário do gladiador do pensamento Rocha Lima.

A Academia Francesa é um ponto chave para compreender a atuação de Rocha Lima. Sirinelli “expõe que os grupos de intelectuais organizam-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (SIRINELLI, 1996:248). Afirma ainda, que o espaço de sociabilidade é 'geográfico' e também 'afetivo', encontrando-se vínculos de amizade, cumplicidade e de hostilidade/rivalidade, conflito/competição, além da marca de cada sensibilidade produzida e cimentada por evento, personalidade ou grupos sociais. Afinal, as ideias não andam nuas pelas ruas, elas são levadas por homens e eles próprios pertencem a conjuntos sociais.

A historiografia e a história literária consideram a Academia Francesa um movimento lítero-filosófico o corrido na cidade de Fortaleza entre 1873 e 1875, coincidindo e justificando seu término com o fim da Questão Religiosa e do jornal *Fraternidade*. Entretanto trabalhamos com um recorte maior; a Academia Francesa chega ao fim em 1878, com a morte de Rocha Lima, pois a significamos enquanto símbolo do ideal de luta de Rocha Lima. Capistrano de Abreu informa sobre a Academia Francesa:

Era na casa de Rocha Lima que reuniam-se os membros do que chamávamos Academia Francesa. Quanta ilusão! Quanta fôrça, quanta mocidade! (...) Essa existência em comum durou até princípios de 1875. Então uns retiraram-se da província; outros entraram em carreiras e ocupações contraditórias com a essência da Academia, outros acharam que a comédia se prolongara por demais, e lançaram para longe a máscara a que deviam a introdução no santuário. O isolamento a que Rocha Lima desde esta época se condenou foi um sofrimento bem doloroso para a sua alma sonhadora e meiga (ABREU, 1968: 78-79).

Capistrano de Abreu fala sobre o fim de uma existência em comum do grupo, mas não sobre o fim da Academia Francesa. Como a Academia Francesa não foi uma instituição com documentos e atas demarcando datas e motivos para sua existência e ações; buscamos esses vestígios nas falas dos membros e nos contemporâneos do grupo. É também a partir de

Capistrano de Abreu que encontramos um início da Academia Francesa, 1871. Pois, informa que neste ano “ocorreu um fato, o mais importante” da vida de Rocha Lima, no retiro do Jacarecanga, onde ao chegar de Recife fora convalescer, Capistrano informa sobre um plano de vida de Rocha Lima:

Sob os cajueirais hoje mirrados como uma caravana de múmias, naqueles areais brancos (...) antolhou-se o problema da vida em tôda a sua eloquência. A visão aterrorizou-o, mas êle não procurou fechar os olhos à esfinge nem afugentá-la com esconjuros e exorcismos: ao contrário olhou-a em face e jurou vencê-la. Data daqui o seu plano de vida, êste plano a que sempre foi fiel, mais fiel à medida que mais fortes se tornavam as tentações. Uma vez disse-me: quando fui para Jacarecanga tinha 16 anos, quando voltei tinha cinquenta(PESAVENTO, 2004).

Diferentemente da historiografia, propomos ler e recompor a trajetória do Rocha Lima a partir da proposta das *sensibilidades* de compreender as ações individuais como práticas culturais do sensível, através de marcas;

[...] indícios ou pegadas, deixados pelo homem e que se oferecem à leitura, desde que iluminados por uma pergunta ou questão. [...] as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo – toca no âmago da grande tarefa do historiador, que é fazer o passado existir no presente, realizando uma tradução. [...] As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. [...] o historiador, ao trazer para o presente precisa dar a ver esta diferença no tempo, ao recriar uma temporalidade, distinta do passado e do presente, temporalidade esta onde estejam contidas as formas de ver e sentir dos homens de uma outra época (ABREU, 1968:72-73).

A interpretação é um processo de revelar e esconder sentidos, de (re)criar sujeitos históricos. A escrita do historiador não é um inventário frio que relata os acontecimentos como objetos vazios de experiências e significados. A escrita é sempre escolha. Modos de elaboração, argumentação. Os sujeitos falam de um lugar social, coletivo, simbólico, histórico, negociando o que pode e deve ser dito. Somente nesse lugar constituinte, o discurso vai ter um dado efeito de sentido e eficácia.

A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clío a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparando como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só aparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado [...](PESAVENTO, 2004)

A historiadora Sandra Pesavento alerta que:

Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados. O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva (PESAVENTO, 2004).

A atuação de Rocha Lima na década de 1870 na cidade de Fortaleza foi compreendida e enquadrada pela memória historiográfica como parte integrante de um movimento de intelectuais: pertencentes à elite da cidade de Fortaleza em busca de manter seu *status quo* (RAMOS, 1966) determinados social e culturalmente por um universo de leituras (OLIVEIRA, 2002) produtos da sociabilidade maçônica cearense (ABREU, 2009) representantes do pensamento político progressista a confrontar o pensamento tradicionalista em Fortaleza na década de 1870 (CORDEIRO). Concluimos que a categoria *Intelectual* conferiu compreensibilidade ao objeto, entretanto ofereceu uma ilusão da certeza⁶, silenciando possibilidades de compreender o movimento da Academia Francesa no campo ideológico⁷ de ser e de atuar dos sujeitos históricos.

Por entendermos que a categoria *Intelectual* é insuficiente para significar o movimento da Academia Francesa e a atuação de seus membros propõe-se o estudo e análise dos escritos de um de seus participantes, Raimundo Antonio da Rocha Lima, por o considerarmos emblemático na formação e atuação da Academia Francesa a qual acreditamos ganhar sua plena significação enquanto projeto de construção de uma civilização ideal por Rocha Lima. Segundo Capistrano de Abreu, Rocha Lima foi o ponto de convergência a reunir as expectativas pessoais dos demais membros, a mediação dos conflitos e o sentido da existência da Academia Francesa (ABREU, 1968: 78-79).

Retomando a reflexão de Pesavento, como capturar as imagens materiais e simbólicas já perdidas no tempo que significam e traduzam a atuação social e letrada de Rocha Lima? Um jovem falecido aos 23 anos, seu retorno ao presente é possível pela narrativa. Sua presença surge da leitura de seus escritos e de textos de seus coetâneos.

⁶ Conceito trabalhado por Frederico de Castro Neves na Conferência sobre pesquisa em história realizada na Universidade Estadual do Ceará - UECE, 02.08.2007.

⁷ Enquanto projeto de vida.

A Escrita como marca Sensível do Tempo

“Falar é fazer algo, pois as práticas discursivas são genuínas práticas sociais situadas num espaço inter-humano e têm efeitos concretos sobre a vida social”(Nogueira, 2001:20). Compreendendo a escrita enquanto uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo, marcando uma posição diante desse mundo; buscamos compreender a influência e a importância do pensamento de Rocha Lima e de sua palavra-ação na sociedade, possibilitando assim novas representações, novas imagens históricas sobre a cidade de Fortaleza na década de 1870. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias:

[...] pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, [...] fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam. Às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir, pelo pensamento e pela ação, criando outras tantas cidades, no pensamento e na ação, ao longo dos séculos. Cidades sonhadas, desejadas, temidas, odiadas; cidades inalcançáveis ou terrivelmente reais, mas que possuem essa força do imaginário de qualificar o mundo (PESAVENTO, 2007:11-12).

Evocamos algumas imagens da cidade de Fortaleza em meados do século XIX que ao narrarmos, propomos um caleidoscópio sensível a misturar sons, cheiros e cenas materiais de cidade com ares de pequena vila, poucas ruas de areia, casebres... Cenas imaginárias de cidade por nascer. Pois, o vazio permite ao olhar criar possibilidades, imaginar ou reproduzir imagens guardadas de leituras de outras cidades. Confronta percepções distintas, gera tensões, angústias e desejos. As primeiras décadas do século XIX marcaram Fortaleza pelo desejo de crescimento urbano, mas principalmente pelos sentimentos de falta, de medo das epidemias, medo da violência. Falamos da Fortaleza (In)salubre (OLIVEIRA, 2007) de miasmas, cheiros pútridos, das graves doenças que chegavam à cidade pelo ar, gerando diversas transformações nos discursos médicos e políticos de intervenção e transformação da cidade. Falamos da Fortaleza Violenta, homens e mulheres que resolvem seus conflitos através do bacamarte (VIEIRA JR., 2004) de facas e pedras. Indagamos, quais imagens afetaram o imaginário de Rocha Lima que nele criou o desejo de constituição de uma cidade ideal? Já sabemos que sua preocupação não era o traçado das ruas, nem as construções de pedra, mas a discussão sobre liberdade, moral e inteligência. A análise de seus textos necessita considerar o encontro da

cidade visível e das várias cidades relatadas nas notícias dos jornais, tabulando com os pontos teóricos abordados por Rocha Lima em seus escritos.

A escrita de Rocha Lima ganha pleno significado quando mediada pelo seu plano de vida relatado pelo seu amigo Capistrano de Abreu, plano que definimos como de constituição de uma cidade ideal formada por uma sociedade solidária, trabalhando em prol da felicidade em comum. A cidade ideal de Rocha Lima, a Acrópole Ideal, é uma cidade sensível. Formada por ações humanas guiadas por uma nova moral baseada no uso da inteligência. Em nenhum de seus escritos cita, comenta ou reflete sobre urbanização, ou seja, sobre o desenvolvimento físico da cidade. Suas leituras e diálogos buscavam compreender como as pessoas viviam em outras épocas, como se organizavam e agiam. Buscava nos autores que lia fundamentos e meios de compor seu método de transformar a realidade vivida.

Faz-se necessário nesse momento apresentar nossa fonte de pesquisa e de captura dos vestígios sensíveis do ideal de Rocha Lima de constituição da Acrópole Ideal e dos seus cidadãos. Escritos reunidos em única obra póstuma *Crítica e Literatura* (LIMA, 1968). Ressaltamos que *Crítica e Literatura* não pode ser compreendida enquanto uma obra produto de um autor, mas produto da ação de amigos que exatamente após um mês da morte de Rocha Lima, reuniram seus textos publicados nos jornais *Fraternidade*, *Constituição* e *Cearense* e montaram *Crítica e Literatura*. A característica principal dos textos são a intencionalidade e o uso de conceitos por Rocha Lima de modo a provocar no leitor e no ouvinte a dúvida e a reflexão. Sua escrita caracteriza-se por uma poética⁸ e um dialogismo: “um discurso/texto marcado por uma multivocalidade, ou seja, várias vozes que ecoam, confrontam-se e dialogam; além do próprio diálogo com o possível receptor: leitor ou ouvinte”⁹, em suas construções frasais buscava criar uma argumentação racional e, paradoxalmente, emotiva; ou seja, argumentos provocativos, capazes de “tocar” a sensibilidade e o pensamento das pessoas. Fator importante para compreensão do seu pensamento e da posição de filósofo tomada por Rocha Lima na construção dessa acrópole ideal, que seria possível através do desenvolvimento e uso da inteligência como propulsora de uma nova moral, solidária, menos egoísta:

⁸Poética como construção de metáforas/sensações/imagens que incitam a reflexão sobre o momento vivido.

⁹Discurso/texto marcado por uma multivocalidade, ou seja, várias vozes que ecoam, confrontam-se e dialogam; além do próprio diálogo com o possível receptor: leitor ou ouvinte, In: RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou Polifonia?** Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté.

Ao choque das idéias e das civilizações, os povos conhecem-se, penetram-se, fundem-se nesta unidade superior que se chama gênero humano. O egoísmo, que asfixia o homem, privando-o de seu ambiente; que aleija a sociedade, amputando-lhe um membro, foi um sonho mau da ignorância primitiva. Quem tateia nas trevas, julga sem limites o espaço que ocupa [...] Fatalidade, sorte ou destino, meus senhores, foram deploráveis sinônimos com que disfarçamos nossa fraqueza ou ignorância. Basta dizer-vos que a inteligência, tendo por mensagem o mundo inteiro da verdade; a vontade, tendo por única disciplina a prática do bem: - eis os únicos instrumentos para fazer desta terra o paraíso colocado no princípio dos tempos pelo legislador dos hebreus(LIMA, 1968: 95-96).

Propomos que Rocha Lima diferencia-se do estereótipo cristalizado na historiografia de intelectual positivista e evolucionista. Afinal, o que é ser positivista? Evolucionista? Como compreender a apropriação das leituras e conceitos teóricos feitos por Rocha Lima? Como definir o alcance das influências teóricas de autores orientalistas, considerados espiritualistas, filósofos gregos e autores marcados pelo ideal da Revolução Francesa: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* na escrita dele?

Identificar as influências de leituras na escrita de Rocha Lima é um exercício complexo. Por exemplo, no discurso proferido em dois de dezembro de 1876, em comemoração ao 1º aniversário do Gabinete Cearense de Leitura, além de Spencer, Comte, Vacherot, Jacolliot, há uma identificação impressionante com *Emílio* de Jacques Rousseau, no qual defende e exalta a participação da mulher na educação do cidadão. A tese principal defendida é a da transformação da realidade através do desenvolvimento da inteligência. A confiança na crença de que a inteligência aliada à vontade pode transformar o homem e a moral que o guia é muito forte. Seu discurso é argumentativo e comemorativo, afinal o Gabinete Cearense de leitura completa um ano de ação, de difundir o conhecimento. Sua narrativa argumentativa aponta os condicionamentos da moral cristã, da submissão da mulher a este condicionamento e o papel dos membros do Gabinete de contribuir com a inclusão da mulher na nova educação no seio da família direcionada a formação do cidadão.

A Mulher

Minhas senhoras e senhores

(...) O indivíduo ama o lar, mas o cidadão esquece a pátria: é o vício contrário ao de Esparta, que fez do homem um combatente, da mulher – uma vivandeira: - vício que também produziu-se em Atenas e em Roma, onde os indivíduos se aniquilam no estado, a mulher na escravidão, a família na impersonalidade social. (...) deve-se absolver a mulher de hoje do egoísmo... Como poderia ela tentar uma educação ampla, mais altruísta, por assim dizer, se ela já foi condenada por haver provocado o homem ao conhecimento do bem e do mal? Se já foi expulsa do paraíso por esta nobre ambição? Se lhe é impôsto, pela moral a que obedece, a olhar só para o céu, a abdicar de todos os tentames terrenos, a implorar para o filho apenas salvação

da alma, sem importa-lhe a salvação do futuro? (...) Se hoje mesmo vive numa eterna infância, com deveres mas sem direitos, escrava da rotina e responsável pelo povir? Submissa à tutela teológica e à tirania social, por que a condenais pelo erro do presente, e dela exigis uma renovação, se já por isso mesmo repudiou-a o próprio Deus? (...) O lar - asilo do sentimento – deve também ser o depósito das grandes idéias regeneradoras. A família não pode separar-se da sociedade como a cédula não pode separar-se do organismo.(LIMA, 1968)

Djacir Menezes percebeu esta característica de escrita provocativa e filosófica nele: “a intuição filosófica predomina de tal maneira nas críticas de Rocha Lima que os autores criticados são muitas vezes pretextos para a explanação de suas ideias”¹⁰. Portanto, fragmentos do seu plano de vida, a constituição da Acrópole Ideal - uma cidade formada por ações, pensamentos e sentimentos solidários. Em suas palavras, seria “um Estado que seja o templo da justiça, erguido em uma sociedade que seja a Jerusalém da ordem e da liberdade: “eis a cidade do futuro, onde cada habitante terá no cérebro um foco de luz, no coração um lago de amor”(LIMA, 1968: 338). Acreditava que a sociedade do tempo presente, formando uma “legião de anjos revoltados” transformaria a realidade vivida, sendo que a primeira ação:

(...) começou no dia da primeira interrogação desassomburada do pensamento ao problema do universo, e só terminará com o último lampejo do cérebro, com o último alento dos músculos, com o derradeiro clarão do sentimento. Na turma dos seus operários encontra-se o pensador com a síntese e o artífice com a ferramenta, o sábio com a experiência e o artista com a inspiração, o filósofo com o método e o escritor com o estilo, ao lado da mulher com o amor, e da criança com a inocência. E toda essa legião de anjos revoltados contra a imperfeição de sua natureza, a invadir as escolas, as oficinas, os museus, as bibliotecas, os laboratórios, a refundir nesses crisóis o ouro de suas ideias e sentimentos, para com ele firmar o trono de sua divina majestade, em um Estado que seja o templo da justiça, erguido em uma sociedade que seja a Jerusalém da ordem e da liberdade: - eis a cidade do futuro, onde cada habitante terá no cérebro um foco de luz, no coração um lago de amor! Nessa acrópole ideal, a dominar todos os espíritos, sob a hegemonia da verdade e da justiça realizaremos, nós o febril sonho do éden perdido pela culpa de Adão, segundo a lenda bíblica, e que as religiões prometem além do túmulo, à custa de martírios sofridos neste mundo (LIMA, 1968:337-339).

Dentre os anjos revoltados evocados em seu discurso, acreditamos que Rocha Lima considerava-se o filósofo com o método, responsável pela palavra-ação: o pensar reflexivo e o método a propor um caminho guiado pela inteligência.

Referências

¹⁰MENEZES, Djacir. Rocha Lima e a ideologia cearense de 1870. In: LIMA, Ibid. p. 51-52.

ABREU, Berenice. **Intrépidos Romeiros do Progresso:** maçons cearenses no império. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2009.

CÂMARA, J. A. Saraiva. **Capistrano de Abreu:** uma tentativa biobibliográfica. 2ª ed. Fortaleza: Casa José de Alencar, UFC, 1999.

GONÇALVES, Adelaide. Muitos Typos na Educação para os pobres: imprensa e instrução no Ceará de fins do século XIX aos anos 1920. p.57-100. In Documentos. **Revista do Arquivo Público do Ceará:** história e educação, n 2. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.

LIMA, R. A. da Rocha. **Crítica e Literatura.** Prefácio de Capistrano de Abreu. Introdução e notas de Djacir Menezes. 3ª edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.

KOSELLECK, Reinhart, **Futuro Passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

NOBRE, Geraldo. Rocha Lima (desfazendo equívocos). **Revista do Instituto do Ceará.** Fortaleza: RIC, 1965. p. 11-17.

NOGUEIRA, C. A análise do discurso. In: L. ALMEIDA e E. FERNANDES (Edts). **Métodos e técnicas de avaliação:** novos contributos para a prática e investigação. Braga: CEEP, 2001. p. 20.

OLIVEIRA, Almir Leal de. Universo Letrado em Fortaleza na década de 1870. In SOUZA, Simone e NEVES, Frederico de Castro (orgs). **Intelectuais.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

OLIVEIRA, Carla Silvino de. **Cidade (In)Salubre:** ideias e práticas médicas em Fortaleza (1838 -1853). Dissertação (Mestrado) em História Social. Universidade Federal do Ceará. 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Colóquios** Iere Journée d'Histoire des Sensibilités, EHESS 4 mar 2004 – Coord. Frédérique Langue. Disponível em:<<http://nuevomundo.revues.org/229>>.

RAMOS, José Tinhorão. **A província e o Naturalismo.** Edição fac-similar de 1966. Fortaleza: NUDOC. UFC, 2006. ; e

RECHDAN, Maria Letícia de Almeida. **Dialogismo ou Polifonia?** Departamento de Ciências Sociais e Letras. Universidade de Taubaté.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Sandra Jatahy PESAVENTO e Frédérique LANGUE (Orgs). **Sensibilidades na história:** memórias singulares e identidades sociais. Santa Catarina: UFRGS, 2007.

SIRINELLI, François. Os intelectuais In: RÉMOND, René. **Por uma História Política.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

Fortaleza, 2007.

VIEIRA JR., Antonio Otaviano. Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, Hucitec, 2004.